

**Anselmo:**  
***Fides quaerens intellectum***

Autor: Sávio Laet de Barros Campos.  
Bacharel-Licenciado e Pós-Graduado em  
Filosofia Pela Universidade Federal de Mato  
Grosso.

*Introdução*

Anselmo é, sem nenhum favor, chamado de o *Pai da Escolástica*. Talvez isto se deva à sua doutrina acerca das relações entre fé e razão. Nele, o pensamento cristão parece encontrar uma máxima que o norteará séculos afora: *Neque enim quaero intelligere ut credam, sed credo ut intelligam*. Estamos no século XI. Anselmo se encontra entre dialéticos e teólogos, sendo que uns e outros defendem posições extremadas. Do lado dos dialéticos, pretende-se compreender tudo pela razão, como se a fé fosse dispensável. Por parte dos teólogos, a especulação racional parece não encontrar espaço dentro da teologia. Ora, o Arcebispo de Cantuária revela o seu gênio conciliador, ao propor a fórmula: *fides quaerens intellectum*. Se, por um lado, os dialéticos devem ceder a primazia à fé, por outro, os teólogos devem admitir que não procurar investigar o que se crê é negligência.

Agora bem, é justamente nesta solução – *i.é*, no *fides quaerens intellectum* –, aparentemente inquestionável, que surgem os mais árdios problemas. Com efeito, tudo se passa como se fosse possível compreender pela razão, a totalidade daquilo em que se crê por fé. Deste modo, embora não tendo a pretensão de esgotar o mistério, Anselmo tenta propor *rationes necessariae* pelas quais julga exequível à razão humana poder admitir a necessidade da Trindade e da própria Encarnação. Em nosso modesto texto, intentamos mostrar como, para Anselmo, deve-se primeiro crer para depois se poder compreender. Uma vez tendo aderido aos *artigos de fé*, pela fé, pensa Anselmo ser possível à razão prescindir da revelação – sem prescindir da piedade – a fim de poder apreender os *artigos de fé* por suas próprias forças. Aliás, este processo acontece espontaneamente e olvidá-lo seria negligência, pois a fé busca compreender. Entretanto, a falar com exação, parece que Anselmo, mormente no

argumento acerca da existência de Deus, consignado no *Proslogion*, não consegue abster-se do dado revelado na sua especulação racional. Tentaremos, com esmero, frisar isto. Tencionamos, ademais, mostrar que, conquanto o Bispo de Cantuária não tente decodificar os mistérios da fé em esquemas racionais, tenta dar a eles “rationes necessariae”, o que o leva a atribuir à razão poderes quase ilimitados e a *confundir*, de certo modo, teologia com filosofia.

Passemos à análise do axioma *crer para compreender* em Anselmo.

### 1. *Crer para compreender: a primazia da fé contra os dialéticos*

Existem duas fontes de conhecimento: a razão e a fé.<sup>1</sup> Contra os dialéticos do seu tempo, que pretendiam esquadrihar as Escrituras a partir da razão, Anselmo condena-lhes a presunção, recusando-se, pois, a ceder-lhes a discussão no que concerne às questões divinas: “E posto que todos devam ser advertidos a tratar com grande precaução as questões referentes às Sagradas Escrituras, é preciso excluir inteiramente da discussão das questões espirituais aqueles dialéticos do nosso tempo, ou melhor, os hereges da dialética”<sup>2</sup>. Deve-se partir da fé<sup>3</sup>, pois é esta que nos fornece o conteúdo da nossa especulação filosófica.<sup>4</sup> Note-se, porém, que, para Anselmo, a fé não é somente um assentimento intelectual ou volitivo a uma verdade revelada, senão que é uma vida consoante a esta verdade: “Que ninguém, pois, penetre nas espessuras das questões divinas senão depois de haver adquirido, na solidez da fé, a necessária gravidade dos costumes e da sabedoria (...)”<sup>5</sup>. Portanto, ao afirmar que se deve partir da fé, sendo ela própria a ditar o conteúdo da investigação racional, Anselmo transforma a atividade racional num dever sagrado, já que, para ele, partir da fé é também levar uma vida condizente a ela:

---

<sup>1</sup> GILSON, Etienne. *A Filosofia Na Idade Média*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: MARTINS FONTES, 1995. p. 292: “Duas fontes de conhecimento estão à disposição dos homens: a razão e a fé.”

<sup>2</sup> ANSELMO. *De Fide Trinitatis*. In: BOEHNER, Philotheus, GILSON, Etienne. *História da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa*. 7ª. ed. Trad. Raimundo Vier. Petrópolis: VOZES, 2000. p. 274.

<sup>3</sup> GILSON. *A Filosofia Na Idade Média*. p. 292: “A fé é, para o homem, o dado de que este deve partir.”

<sup>4</sup> REALE, Giovanni. ANTISERI, Dario. *História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média*. 5ª ed. São Paulo: Paulus, 1991. p. 501: “As verdades de fé estão pressupostas (*fides quae creditur*) nos seus conteúdos (da especulação filosófica), que não são frutos da investigação racional, mas a ela são oferecidos pela própria fé, que permanece o ponto de partida, uma espécie de pilastra, de toda a construção racional.” (O parêntese é nosso).

<sup>5</sup> ANSELMO. *De Fide Trinitatis*. In: BOEHNER, Philotheus, GILSON, Etienne. *História da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa*. 7ª. ed. Trad. Raimundo Vier. Petrópolis: VOZES, 2000. p. 274.

Nenhum cristão deve disputar a existência daquilo que a Igreja Católica crê de coração e confessa com a boca; seu dever é, ao contrário, ater-se constante e firmemente a esta fé, de amá-la e de viver segundo ela, bem como de investigar-lhe o “porquê” e o “como”, mas com humildade e na medida de suas forças.<sup>6</sup>

Deve-se crer para compreender: “neque enim quaero *intelligere ut credam*, sede *credo ut intelligam*”<sup>7</sup>, pois a “(...) a inteligência pressupõe a fé”<sup>8</sup>. A bem da verdade, é a própria fé que busca, com diligência, a inteligência: “Fides quaerens intellectum”<sup>9</sup>. Destarte, a proposta de Anselmo resume-se no seguinte: crendo firmemente no dado revelado, pode-se, pois, prescindir-se dele – não da vida segundo a fé, mas do dado revelado – a fim de alcançá-lo, pois, pela razão. Ora, ao agir desta forma, o Bispo de Cantuária transforma o exercício da razão num tratado proposto e ordenado pela fé.<sup>10</sup> Na verdade, foram os seus próprios irmãos de hábito que lhe pediram isto, a saber, que aquilo que já nos fora revelado e em que cremos firmemente pela fé, nos seja convenientemente proposto pela razão, a fim de que possamos aceitá-lo, não somente em virtude da *autoridade da fé*, mas também pela *luz natural da razão*. No *Prólogo do Monologion*, Anselmo recorda a petição dos seus confrades, com a humildade que lhe era habitual:

Isto é, atendendo mais como devia ser redigida esta meditação do que à facilidade da tarefa ou à medida das minhas possibilidades, estabeleceram o método seguinte: sem, absolutamente recorrer, em nada, às autoridades das Sagradas Escrituras, tudo aquilo que fosse exposto ficasse demonstrado pelo encadeamento lógico da razão, empregando argumentos simples, com um estilo acessível, para que se tornasse evidente pela própria clareza da verdade.<sup>11</sup>

Passemos à análise a fórmula *a fé busca compreender*.

---

<sup>6</sup> BOEHNER, Philotheus, GILSON, Etienne. **História da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa**. 7ª. ed. Trad. Raimundo Vier. Petrópolis: VOZES, 2000. p. 256. “Assim a investigação da verdade se transforma numa tarefa sagrada.”

<sup>7</sup> ANSELMO. **Proslógio**. 2ª ed. Trad. Angelo Ricci. São Paulo: Abril Cultura, 1979. I: “Com efeito, não busco compreender para crer, mas creio para compreender. Efetivamente creio, porque, se não cresse, não conseguiria compreender.” *Idem. Ibidem. Proêmio*: “(...) redigi este opúsculo como uma pessoa que se esforçasse para elevar a sua mente até a contemplação de Deus, a fim de compreender aquilo em que acredita.” GILSON. **A Filosofia na Idade Média**. p. 292: “(...) não se compreende para crer, mas, ao contrário, crê-se para compreender.”

<sup>8</sup> *Idem. Ibidem*.

<sup>9</sup> REALE, ANTISERI. *Op. Cit.* p. 501: “Trata-se, portanto, da fé que procura a inteligência (...)”

<sup>10</sup> *Idem. Op. Cit.*: “(...) quando Anselmo coloca entre parênteses as verdades que aceita pela fé para alcançá-las com a razão (...) a razão move-se constantemente ao longo do traçado da fé (...)”

<sup>11</sup> ANSELMO. **Monológio**. 2ª ed. Trad. Angelo Ricci. São Paulo: Abril Cultura, 1979. *Prólogo*.

## 2. *Contra os antidualéticos: a fé busca compreender*

Anselmo insurge-se também contra os antidualéticos. Se, por um lado, é *presunção* querer *compreender para crer*, por outro, não buscar compreender aquilo em que se crê é *negligência*.<sup>12</sup> Se, por uma parte, a *fé* toma a iniciativa de *buscar a inteligência*, por outra, a *inteligência* recompensa a *fé*, *iluminando-a*.<sup>13</sup> Daí ser a *razão* a *mediadora* entre a *fé* e a *visão*. Compreender a sua *fé* é aproximar-se mais da própria *visão* de Deus. De sorte que se abster da compreensão é afastar-se da *visão* de Deus, nosso fim último.<sup>14</sup>

Passemos à consideração do argumento acerca da existência de Deus no *Proslogion*.

## 3. *A prova da existência de Deus no Proslogion: a lógica socorrida pela fé*

Todavia, deve-se ponderar que a “ratio anselmi”, ao menos no célebre argumento acerca da existência de Deus consignado no *Proslogion*, só funciona, *in totum*, enquanto é amparada pela *fé*. Ora, foi justamente esta a percepção: não só de Gaunilon<sup>15</sup>, mas também de Tomás de Aquino. Ambos denunciam que a argumentação de Anselmo no *Proslogion*, no que concerne à existência de Deus, só convence quem já crê. Sem a *fé*, que, no caso do argumento registrado no *Proslogion*, é o que fornece o próprio conceito de Deus, não se pode concluir a existência de Deus *a priori*. Destarte, o projeto da “ratio anselmi” de prescindir do dado revelado – tendo já crido nele –, para depois reconquistá-lo apenas pelo *labor racional*, não se realiza sem que a *lógica racional* seja socorrida pela *fé*, visto que, nem todos – máxime os incrédulos –, tomam a palavra “Deus” na acepção que Anselmo lhe atribui no *Proslogion*: “*id quo maius cogitari nequit*”<sup>16</sup>. Sendo assim, a “pureza” racional do argumento fica, deveras,

---

<sup>12</sup> GILSON. *A Filosofia na Idade Média*. p. 292. “Não dar precedência à fé, como fazem os dialéticos, é presunção; não apelar em seguida para a razão, como nos proibem os adversários, é negligência”

<sup>13</sup> REALE, ANTISERI. *Op. Cit.* p. 501: “‘credo ut intelligam’: A fé se ilumina pela inteligência.”

<sup>14</sup> GILSON. *A Filosofia na Idade Média*. p. 292: “(...) é esquecer sobretudo que, entre a fé e a visão beatífica a que todos aspiramos, há neste mundo um intermediário, que é a inteligência da fé. Compreender sua fé é aproximar-se da própria visão de Deus.”

<sup>15</sup> Trata-se de um confrade de Anselmo que se opôs ao argumento proposto no *Proslogion*.

<sup>16</sup> Aquilo do qual nada de maior se pode pensar.

comprometida.<sup>17</sup> Na verdade, a intervenção de Gaunilon procurava mostrar exatamente isso, a saber, que todo o *movimento lógico* de Anselmo, na obra citada, estava fundamentado, em última instância, no dado da fé e não no da razão.<sup>18</sup> Aliás, de certo modo, próprio Anselmo consente isto ao afirmar que falava somente aos já crentes e não ao tolo ou ao ateu.<sup>19</sup> Semelhante ressalva por parte do Arcebispo de Cantuária, mostra-nos, ademais, que ele não almejava demonstrar a existência de Deus “exclusivamente” pela razão.

Passemos a considerar os poderes ilimitados que Anselmo parece atribuir à razão.

#### 4. *Os poderes ilimitados da razão*

Ora bem, Anselmo não faz referência à questão dos limites da razão. Falta-lhe o discernimento de saber até onde a razão pode ir no tocante à compreensão da fé.<sup>20</sup> Afinal, em tudo o que se crê, pode-se, crendo, compreender?<sup>21</sup> A fé vai sempre encontrar, pela razão, a compreensão dos seus termos?<sup>22</sup> Por não se ater a este problema, Anselmo acaba por conceder poderes ilimitados à razão.<sup>23</sup> Permanece suspensa uma crítica em relação às possibilidades e aos limites da razão. Tudo o que se crê pode-se, então, compreender ou pelo menos esclarecer a necessidade de se crer.<sup>24</sup> Nesta linha, Anselmo postula ser passível de demonstração racional, senão a Trindade e a Encarnação enquanto tais, ao menos a necessidade de se crer nestas verdades.<sup>25</sup> É bem verdade, pois, que Anselmo não pretende esgotar os dogmas em fórmulas racionais. Basta-lhe – mas isto já é muito! – apresentar as

<sup>17</sup> REALE, ANTISERI. *Op. Cit.* p. 502: “Justamente porque é a fé que socorre o movimento lógico da razão e de seus conceitos, não a experiência pura e simples, é que se pode entender a força da objeção do monge Gaunilon, que observava – e, depois dele, também santo Tomás – que, quando pronunciamos o nome ‘Deus’, nem sempre vamos além do som físico da palavra, sobretudo no caso dos ateus e incrédulos. Por isso, não é possível sustentar que se pode deduzir a existência de Deus a partir do conceito de Deus.”

<sup>18</sup> *Idem. Op. Cit.*: “No fundo, sucintamente, Gaunilon lançava à discussão a concepção realista dos conceitos de Anselmo e forçava o seu mestre a se pôr a descoberto, isto é, a reconhecer que punha a fé como fundamento.”

<sup>19</sup> *Idem. Op. Cit.*: “Era por essa razão, portanto, que Anselmo se dirigia somente a quem, pela fé, já possuía as verdades que procurava demonstrar com a razão, mas não ao tolo de que fala a Bíblia nem ao ateu.”

<sup>20</sup> GILSON. **A Filosofia na Idade Média**. p. 293: “É manifesto que a regra colocada nestes termos deixa intacta a questão de saber até onde a razão pode ir, de fato, na interpretação da fé.”

<sup>21</sup> *Idem. Ibidem*: “É preciso crer para compreender, mas tudo aquilo em que se crê pode ser tornado inteligível?”

<sup>22</sup> *Idem. Ibidem*: “A fé que busca a inteligência tem certeza de encontrá-la?”

<sup>23</sup> *Idem. Ibidem*: “Pode-se dizer que, praticamente, a confiança de Anselmo no poder de interpretação da razão foi ilimitada.”

<sup>24</sup> *Idem. Ibidem*: “(...) mas tudo ocorre como se sempre se pudesse chegar a compreender, se não o que se crê, pelo menos a necessidade de crer.”

<sup>25</sup> *Idem. Ibidem*: “Santo Anselmo não recuou diante da tarefa de demonstrar a necessidade da Trindade e da Encarnação, empresa que santo Tomás de Aquino declarará contraditória e impossível.”

“razões necessárias” que justifiquem a necessidade de afirmá-los.<sup>26</sup> De qualquer maneira, vê-se bem pela prece que ergue a Deus no *prólogo* do *Proslogion*, que Anselmo não visa a eliminar a fé e o mistério:

Não tento, ó Senhor, penetrar a tua profundidade: de maneira alguma a minha inteligência amolda-se a ela, mas desejo, ao menos, compreender a tua verdade, que o meu coração crê e ama.<sup>27</sup>

De todo modo, cabe perguntar se nele não persiste uma *confusão*, não já entre filosofia e religião, mas entre filosofia e teologia.

### 5. *Filosofia e Teologia no pensamento de Anselmo*

Ao que nos parece, em Anselmo, a teologia consistirá sempre naquela atividade da razão que supõe a fé e que consiste na compreensão do seu conteúdo. Segundo a fórmula cunhada por ele próprio, o programa de toda a sua teologia será: *fides quaerens intellectum*. Aliás, em duas de suas obras mais significativas – o *Monólogo* e o *Proslógio* –, Anselmo registra o espírito desta sua insigne definição:

Como nem este opúsculo nem o outro recordado acima pareceram-me dignos de serem chamados de livros, nem se me apresentavam tão importantes para propor-lhes o nome do autor, e, entretanto, fazia-se necessário atribuir-lhes um título que convidasse a lê-los todos aqueles em cujas mãos caíssem, dei a cada um deles uma denominação: chamei o primeiro (Ele se refere ao *Monólogo*) de Exemplo de Meditação sobre o Fundamento Racional da Fé, e o segundo (O *Proslógio*) : A Fé Buscando Apoiar-se na Razão.<sup>28</sup>

Entretanto, cumpre ainda responder se esta inteligência, que pressupõe a fé e que não consiste senão na compreensão desta, chega verdadeiramente a pretender ser uma *demonstração racional*, se não dos *mistérios* da fé, ao menos da razão de crermos neles.

---

<sup>26</sup> *Idem. Ibidem*: “(...) não se propôs tornar os mistérios inteligíveis em si mesmos, o que teria sido suprimi-los, mas provar pelo que se chama de “razões necessárias” que a razão humana bem conduzida leva necessariamente a afirmá-los.”

<sup>27</sup> ANSELMO. *Proslógio. Proêmio*. Trad. Angelo Ricci. São Paulo: Nova Cultural, 1979.

<sup>28</sup> *Idem. Ibidem*. (Os parênteses são nossos).

Parece que, para Anselmo, a resposta seja realmente positiva, isto é, tudo se passa como se, uma vez crendo, pudéssemos, de fato, demonstrar tudo aquilo em que cremos ou, ao menos, a necessidade de cremos naquilo que cremos. Exemplo típico desta inclinação de pretender enquadrar os mistérios dentro de uma *lógica estritamente racional*, encontramos no *Prólogo do Monólogo*:

(...) sem, absolutamente, recorrer, em nada, à autoridade das Sagradas Escrituras, tudo aquilo que fosse exposto (Ele irá expor sobre a *essência divina*) ficasse demonstrado pelo encadeamento lógico da razão, empregando argumentos simples, com estilo acessível, para que se tornasse evidente pela própria clareza da verdade.<sup>29</sup>

Sem embargo, em Anselmo, na percepção de Penido, os mistérios são tratados com os mesmos procedimentos “metodológicos” que as verdades da “teodiceia”. Assim sendo, embora não possamos descobrir-lhes o “quomodo sit”, podemos, de forma decisiva, atestar a *necessidade* de afirmá-los. De fato, uma vez crendo nos mistérios, podemos penetrar-lhes o “an sit” e chegarmos a saber, com uma *certeza racional*, da sua *existência* e da sua *conveniência*. Desta sorte, o que nos permanece vedado conhecer neles é apenas o seu “quomodo sit”.<sup>30</sup> Neste sentido, no diálogo *Cur Deus Homo*, Boso, interlocutor de Anselmo na obra, chega à seguinte conclusão:

Boso – Tudo o que me disseste parece-me muito razoável e impossível de contradizer, e pela solução de uma questão que propusemos, vejo provado e verdadeiro o que se encontra contido no Novo e no Antigo Testamento. Com efeito, tens provado a necessidade da encarnação do Filho de Deus por razões capazes de satisfazer não somente aos judeus, mas também aos pagãos, fazendo-se abstração de alguns dados que tens tirado dos livros santos; por exemplo, de algumas palavras referentes às três pessoas divinas e Adão.<sup>31</sup>

---

<sup>29</sup> ANSELMO. **Monólogo**. Trad. Angelo Ricci. São Paulo: Nova Cultural, 1979. *Prólogo*. (O parêntese é nosso). Penido *arrola* a seguinte *consideração*: PENIDO, Maurílio Teixeira Leite. **A Função da Analogia em Teologia Dogmática**. Trad. Dinarte Duarte Passos. Rio de Janeiro: Vozes, 1946. p. 208: “Anselmo exigirá do fiel que comece por crer; todavia, a ‘credere’ sucede o ‘intelligere’; é a desforra da razão. Quem praticamente deterá a inteligência, em seu esforço de aprofundamento da fé? (...) Os mistérios da religião estarão nivelados aos da teodicéia. Destes, se não podemos conhecer o ‘como’, não deixamos entretanto de lhes demonstrar a existência.”

<sup>30</sup> *Idem. Op. Cit.* p. 209: “Ora, ao mesmo resultado chegam um Anselmo, um Abelardo ou um Hugo Vitorino no que toca ao dogma: *o crente pode prová-lo, post revelationem*; pode chegar à clara visão do seu ‘an sit’, embora paralisado pelo mistério impenetrável de seu ‘quodmodo sit’. Tanto é assim que Anselmo não recua diante do desafio de demonstrar, não digo os mistérios em si, mas sim a necessidade de se afirmá-los. Ele julga possível aduzir, inclusive para os dogmas da Encarnação e da Trindade, as ‘razões necessárias’.”

Alguns estudiosos (Martin Grabmann) chegaram a tentar deslocar a questão, dizendo que Anselmo tentou apenas dar *razões de conveniência* para os mistérios, sem, contudo, pretender demonstrá-los. Na verdade, a atenuante não se sustenta. Na obra em questão, *Cur Deus Homo*, Boso faz as vezes dos judeus e pagãos.<sup>32</sup> Agora bem, como vimos na primeira citação, Boso declara-se satisfeito com a demonstração de Anselmo, a ponto de afirmar que, se ele tirasse certas citações dos livros santos do corpo da argumentação, qualquer um – ainda que fosse um pagão –, não teria como negá-la ou contradizê-la. Além disso, o próprio Anselmo atesta que, no que diz respeito a Deus, a *conveniência se transforma em necessidade*, isto é, *basta que seja possível para que se torne necessário*:

Pois, tratando-se de Deus, assim como basta que haja um pequeno inconveniente para que se produza a impossibilidade, de igual modo, a uma razão, por pequena que seja, se não obsta em contrário a uma maior, segue forçosamente sua necessidade.<sup>33</sup>

Passemos às considerações finais deste artigo.

### Conclusão

Ora, sendo possíveis estas demonstrações racionais acerca da existência e da necessidade dos mistérios, e se se procede em filosofia como em “teodiceia”, até porque as “razões de conveniência”, em se tratando de Deus, transformam-se em “razões necessárias”, então não há como negar que, mesmo em Anselmo, perdure uma certa confusão entre filosofia e teologia, inobstante faça ele a distinção entre fé e razão. De fato, embora sempre conceda à fé a primazia, pois é preciso partir dela, resta que, *post fide*m – sem prescindir da vida segundo a fé – podemos prescindir do dado revelado, ao qual assentimos, para reconstruí-lo ou reconquistá-lo pela razão.

---

<sup>31</sup> ANSELMO. **Por Que Deus se Fez Homem?** Trad. Daniel Costa. Rev. Daniel Costa. São Paulo: Novo Século, 2003.c. XXII.

<sup>32</sup> *Idem. Ibidem.* c. X: “Anselmo - Desde que tu te revestes, nessa questão, da pessoa daqueles que não querem crer em nada a não ser pela demonstração prévia da razão, quero seguir-te os passos para que vejas que não encontraremos em Deus nenhum inconveniente (...).”

<sup>33</sup> *Idem. Ibidem.* Diz Gilson, comentando Anselmo: GILSON. **A Filosofia na Idade Média.** p. 293: “Ele não confunde a fé com a razão, já que o exercício da razão pressupõe a fé; mas tudo ocorre como se sempre se pudesse chegar a compreender, se não no que se crê, pelo menos a necessidade de se crer. Santo Anselmo não recuou diante da tarefa de demonstrar a necessidade da Trindade e da Encarnação (...).”



## **BIBLIOGRAFIA**

ANSELMO. **Por Que Deus se Fez Homem?** Trad. Daniel Costa. Rev. Daniel Costa. São Paulo: Novo Século, 2003.

\_\_\_\_\_. **De Fide Trinitatis**. In: BOEHNER, Philotheus, GILSON, Etienne. **História da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa**. 7<sup>a</sup>. ed. Trad. Raimundo Vier. Petrópolis: VOZES, 2000.

\_\_\_\_\_. **Monólogo**. 2<sup>a</sup> ed. Trad. Angelo Ricci. São Paulo: Nova Cultural, 1979.

\_\_\_\_\_. **Proslógio**. 2<sup>a</sup> ed. Trad. Angelo Ricci. São Paulo: Abril Cultura, 1979.

BOEHNER, Philotheus, GILSON, Etienne. **História da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa**. 7<sup>a</sup> ed. Trad. Raimundo Vier. Petrópolis: VOZES, 2000. pp. 256 a 258.

PENIDO, Maurílio Teixeira Leite. **A Função da Analogia em Teologia Dogmática**. Trad. Dinarte Duarte Passos. Rio de Janeiro: Vozes, 1946.

GILSON, Etienne. **A Filosofia Na Idade Média**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: MARTINS FONTES, 1995. pp. 493 a 502.

REALE, Giovanni. ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média**. 5<sup>a</sup> ed. São Paulo: Paulus, 1991.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.  
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.  
This page will not be added after purchasing Win2PDF.